

Educação Étnico-racial : Como perceber a implementação da lei 10.649/03 e 11.645/08, no Instituto Federal da Bahia (IFBA), nas aulas de Sociologia.

SOUSA, Ilvani ¹
ROCHA, Gabriela ²

RESUMO: Este texto é um trabalho fruto de uma experiência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista. A participação no programa começou de Maio de 2023 e vai até Abril de 2024, acompanhado das turmas de 2º e 3º anos de ensino médio, no turno vespertino. Objetiva-se em relatar a experiência de ensino e aprendizagem vinculado ao projeto, tendo em vista os desafios da implementação da lei 10.639.03 que recentemente alterou-se para a lei 11.645.2008, nas aulas de Sociologia, ministrada pela professora Joana Virginia Darc dos Santos, por meio de uma observação ativa na sala de aula, conclui-se que o presente trabalho tem origem qualitativa, com o propósito de relatar as vivências nas exposições das aulas, afim de elucidar tais situações de maneira crítica, trazendo certa perspectiva de uma educação antirracista. As percepções obtidas foram analisadas através das concepções de Bárbara Carine (2023), Paulo Freire (2004) e Chimamanda (2009). Tratando assim das demandas educacionais presentes em uma sala de aula, relatando uma progressão de entendimento racial com relação à turma.

PALAVRAS-CHAVE: educação antirracista, relações étnico raciais

1 INTRODUÇÃO

Os cursos de humanas em específico de ciências sociais nos possibilita a ter a experiência da iniciação a docência, oferecendo aos acadêmicos vivências à realidade social da educação básica, incluindo nessas nossas vivências momentos de participação ativa com os estudantes, o subprojeto PIBID, nos possibilita uma compreensão ampla do funcionamento da escola. A diversidade cultural e a forma como o currículo escolar contribui para o enfrentamento ao racismo estrutural e

¹Graduando em Licenciatura Ciências Sociais, Bolsista do Programa Institucional de Bolsade Iniciação à Docência,, Campus <Colocar o campus de origem>, emailautor@email.com.br <Arial, ou fonte não serigrafada, 9, Justificado>

² Graduando em Licenciatura <colocar o curso de graduação>, Bolsista <Colocar o programa no qual faz parte>, IFRO, Campus <Colocar o campus de origem>, emailautor@email.com.br <Arial, ou fonte não serigrafada, 9, Justificado>



todas suas nuances ficaram ainda mais visíveis com a aplicação da lei 10.639.03 a importância desta implementação fortalece os vínculos com uma emancipação de direitos políticos e igualdade, a lei foi aplicada pela nossa supervisora Joana dos Santos, no instituto federal da Bahia.

De acordo com Barbara Carine, observe-se diversos conceitos atrelados ao racismo que traz a reflexão do corpo docente, que constitui a Educação Básica, na qual em sua maioria, são professores que não implementam medidas antirracista em sua sala de aula, ela cita em sua obra a dificuldade em contratar professores com letramento racial. O fato de ler tantos ativistas, antirracistas e filósofos, comecei a olhar para o IFBA com um olhar crítico, percebendo a predominância de pessoas brancas em um Instituto Federal, sendo o nosso país de maioria negra, faz com que a gente não se enxergue, não se veja nesses espaços. O instituto Federal da Bahia, em especial as turmas que acompanhamos a brancura prevalecia em sua maioria. Podemos notar que por conta da falta de representatividade coletiva a determinação da imposição de uma voz única, uma voz que quer, falar sobre nós, que impede a nossa pluralidade de vozes, com referências de autores não negros em sala de aula, impede a sua minoria negra a falar a se sentir representados(as). E a Barbara Carine diz no seu livro Como pensar práticas antirracistas em sala de aula. Elucidando como esses alunos não se sentem não pertencentes àquele espaço, logo mais com frequências, notaremos as metodologias aplicadas da supervisora Joana Virginia darc dos santos.

Foram evidentes os diálogos e atividades projetadas e ministradas pela professora Joana, pensando nas margens negativas pensou diversas maneiras de práticas pedagógicas para abordar em sala de aula. Barbara Carine em sua obra “como ser um educador antirracista” nos nutre em relação a seu calendário decolonial da escola idealizada por ela, a Maria Felipa, pensando e estruturado uma escola não eurocentrada, que pudesse ter bases indígenas e africanas. As bolsistas da iniciação a docência pode acompanhar uma organização similar da Barbara Carine, a professora Joana no IFBA, de forma didática, metodológica e dentro das demandas curriculares exigidas, abordou assuntos como samba enredo, músicas



dos racionais e do cantor Mv Bill, entre outros para trabalhar assuntos pertinentes envolvendo racismo, violação dos direitos, sobre a política, poder e estado dentro do contexto de cada música estudada.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da atuação no Instituto Federal da Bahia, seguida de uma atividade teórico-prática, realizada por meios de visitas semanais de discentes na escola, visualizando todo o contexto de sociabilidade, interação, desenvolvimento e fazendo o uso de revisão bibliográfica, análise documental da ramificação “Educação Básica” do plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007). Estas atividades foram realizadas nas turmas de terceiro ano do (IFBA) do nível médio, sob a orientação da professora Joana dos Santos (IFBA) e supervisão da Professora Priscila Barroso (UESB). Conclui-se que conforme se tem didática e uma prática teórica antes de ir para sala de aula pode ser superado suas expectativas, visando resultados da natureza parcial, foi possível perceber através das dinâmicas e atividades coletivas a compreensão e respeito a diversidade social dos estudantes contidas pelos projetos desenvolvidos em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de leitura do livro “Como ser um educador antirracista”, da Professora Doutora Bárbara Carine. Que trabalha em sua obra várias formas de se aplicar e manter uma educação antirracista. É tratado em seu livro, que para que a escola seja um mecanismo contra o racismo mais potente, é necessário que os funcionários da instituição sejam educados racialmente, para que seja um trabalho em comunidade escola ao todo.

No decorrer do seu livro, a autora trabalha os conceitos de colonialidade, do saber, do poder e do ser. Na qual, em seu desenvolvimento sobre a colonialidade do saber, que consiste em colocar pessoas brancas como detentoras do saber. Que tal



colonialidade pode ser apresentada, principalmente, nas emendas curriculares de ensino, quando os autores que são trabalhados em sala de aula são apenas ou na sua maioria homens brancos, e também no senso comum das pessoas.

Colonialidade do saber, uma vez que o currículo era pensado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, na qual pessoas brancas fundaram todas as formas de conhecimento – apenas elas tinham ancestrais potentes (pensadores, cientistas, reis e rainhas); pessoas negras, mesmo sendo as primeiras humanas, tinham suas histórias barradas nos últimos quatro séculos de subserviência programada dentro da lógica escravista moderna; pessoas indígenas eram colocadas em um entendimento de selvageria, destituídas de território, de história, de narrativa. (PINHEIRO,2023)

Bárbara Carine, fala sobre a colonialidade do ser, que se define como a falta de representatividade negras positivas, e discute que se é necessário, trata-se do porquê da predominância branca no currículo escolar, deixando evidente que isso não se deve pela genialidade de tais homens ou que ela os pertença.por genética Mas é preciso salientar que isso se dá mais pelo fato de um resultado de uma construção social, profundamente, enraizada no racismo e no patriarcado que os beneficia. Buscando essa representatividade,a professora idealiza a escola Maria Felipa, a fim de buscar uma formação que não fosse eurocentrada para sua filha, mas que mostrasse as potencialidades africanas e afro-brasileiras que existem. A supervisora Joana Dos Santos vai de encontro com uma formação política contrapondo assim uma aliança com a colonialidade, espelho disso foram suas atividades aplicadas em sala de aula, onde num determinado momento ouvi alguns descontentamentos de um estudante, ele verbalizou a seguinte frase, “Ser negro é bom?” Logo associei o descontentamento daquele jovem branco ao racismo estrutural, que é inconsciente para nós. Para além disso no livro da chimamanda o perigo da história única reverbera e transparece na bolha desse estudante negro, onde não foi lhe mostrado outra historia a não ser a historia europeizada. Como aponta Almeida (2023) é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável. Não obstante a Professora Joana o questionou e procurou de forma científica demonstrar em dados a



potencialidade do povo negro. Na seguinte aula ela trouxe o samba enredo da escola de samba Mangueira do ano de 2019 intitulado 'História para ninar gente grande', onde em sua letra traz a história de pessoas negras que não nos foram contadas ou que se espera que sejam esquecidas.

O próprio nome da música se refere a um fato de "heróis" brancos que nos é retratado nos livros de histórias. Com isso Alice Walker diz

No entanto, é um ótimo momento para ser mulher. Um momento maravilhoso para ser negra; o mundo, eu descobri, não é rico apenas porque dia a dia nossas vidas são tocadas por novas possibilidades, mas porque o passado está cheio de irmãs que, em suas épocas, brilhavam como ouro. Elas nos dão esperança, elas demonstram o esplendor de nosso passado, o que deveria nos libertar para reivindicar a plenitude de nosso futuro. (WALKER, 2021).

Sendo assim trazendo a importância da ancestralidade no presente, e como é preciso evidência que tal discussão se torna necessária em uma sala de aula, com jovens que estão em sua formação de identidade.

A socióloga, ativista e política brasileira Mariele Francisco da Silva, é uma das pessoas que são lembradas na letra do samba enredo, ela foi uma importante figura no ativismo para melhorias de condições de vida nas favelas. Tendo em vista suas lutas políticas pelo poder, mas sobretudo visava sempre um serviço público efetivo, e essas histórias essas lutas não são viabilizadas. Percebendo, a partir disso, uma falha do sistema político do País que não teria se desenvolvido e como samba enredo, não apenas nos diz a importância da real história como também lembra, trazendo a "vida" pessoas que foram cruciais para direitos que temos hoje.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado a Professora Joana dos Santos usou diversas metodologias, além disso sua prática educacional tão quanto didática, para que ao máximo pudesse contemplar a turma, cada um com suas particularidades de entendimento e suas especificidades, em relação ao método avaliativo ela proporcionou somente uma prova, e as demais atividades em sala consistiam basicamente em estudo dirigido, após a explicação do assunto os estudantes se reuniam em grupos e discutia e respondia a atividade, não somente teve apresentações como café filosófico, jures polêmico entre outros. Observa-se que no decorrer de suas aulas a professora Joana Darc Virgínia Dos Santos, juntamente com o auxílio das bolsistas do projeto do PIBID, tiveram bons resultados, os estudantes obtiveram notas excelentes nos trabalhos que desenvolveram.

Percebe-se nas observações descritas acima a lei 11.645.2008 foi abordada em toda sua conjuntura, a cultura africana, afro brasileira e indígena foi inserida no seu currículo escolar, tendo em vista uma conscientização e reparação histórica no âmbito acadêmico. Paulo Freire diz em pedagogia da autonomia sobre a educação crítica, que o papel é justamente desconstruir essa base cheia de princípios instrumentais ideológicos de inferiorização, para uma práxis educativas, possibilitando a reconstrução de novas bases de conhecimento e inclusão, sendo o papel da lei 10.645.2003 desconstruir os modelos e conteúdos educacionais europeus.

Dessa forma, seguindo a progressão das aulas pode-se perceber mudanças significativas no comportamento das turmas com relação ao entendimento do que seria uma educação antirracista, e como o racismo estrutural está presente, nas atitudes, falas que muitas vezes se passa despercebido, por pessoas que não são educadas racialmente. Trazendo assim as aulas da Professora Joana dos Santos, teve um papel transformador na educação no Instituto Federal da Bahia.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. O perigo de uma única história. [2009]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PINHEIRO, B. C. S. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta Brasil, 2023. 160p. ISBN 978-85-422-2125-1.

Samba Enredo: “História para ninar gente grande”, Estação Primeira de Mangueira, Rio de Janeiro, 2019.

WALKER, Alice, 1944- Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista /Alice Walker; tradução Stephanie Borges.1. ed.- Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.376 p.:Tradução de: In search of our mothers' gardens : womanist prose